

## A SAIA DE MANON: UMA LEITURA PARATEXTUAL DE MANON LESCAUT DE PRÉVOST

TAIANE MEIRELLES DAMACENO<sup>1</sup>; MARISTELA GONÇALVES SOUSA MACHADO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Letras Português e Francês e Respectivas Literaturas, UFPel – e-mail: [taianedamaceno@gmail.com](mailto:taianedamaceno@gmail.com)

<sup>2</sup>Professora orientadora, Centro de Letras e Comunicação, UFPel – e-mail: [maristelagsm@gmail.com](mailto:maristelagsm@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

À luz da literatura comparada, bem como do conceito de paratexto, formulado por GENETTE (1987), o presente trabalho tem como objetivo analisar a capa, proposta por Virginie Berthemet, à edição de *Manon Lescaut* (1731) publicada pela editora GF Flammarion em 2006. Objetiva-se, com essa reflexão, averiguar a leitura da personagem principal da obra do Abade Prévost, Manon, que essa capa realiza. Confrontando, assim, a leitura de um romance canônico da literatura mundial à imagem que o apresenta no século XXI, procurou-se verificar se esta limita-se a ilustrar ou contribui com a ampliação de significado na leitura e apreensão crítica da obra como um todo.

### 2. METODOLOGIA

Com o advento do conceito de paratexto, a obra literária passa a ser apreendida em sua totalidade estética e simbólica. Assim, a capa do livro é entendida como um elemento de extrema importância, visto ser ela “a primeira manifestação do livro que é ofertada à percepção do leitor.” (GENETTE, 1987, p. 32, tradução nossa).

A investigação faz-se necessária, portanto, no que concerne à verificação das diferentes leituras que este elemento paratextual pode trazer na tradução da obra, nesse caso, o romance, em uma imagem. Para esta análise, partiu-se, primeiramente, da leitura e avaliação crítica do romance, com um enfoque principal na construção da personagem feminina, Manon.

Após, a partir do exame de numerosas capas, muitas contendo reproduções de pinturas, procedeu-se à delimitação de um corpus inicial constituído pelas imagens de quatro edições do romance, cada uma destas, tidas, à priori, como representativas de quatro diferentes tendências. São elas: a representação de Manon como uma jovem sensual, como uma divindade de exuberância natural, ou ainda por meio da imagem do casal.

Privilegiou-se, finalmente, o estudo da capa original realizada por Berthemet, a qual pareceu-nos expressar uma tendência de representação mais rica na produção de sentido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, sob o título de *História do Cavaleiro Des Grieux e de Manon Lescaut*, o romance de Antoine-François Prévost (1697-1763) teve sua primeira publicação em 1731, como o sétimo tomo das *Memórias e aventuras de um homem de qualidade* (1728-1731).

A trama apresenta a história trágica de amor de Des Grieux, um distinto e jovem cavaleiro francês e de Manon Lescaut, uma jovem humilde, mas de beleza distinta, a qual, por onde passa, é vista pelos homens como objeto de desejo.

Pintar um retrato de Manon, a personagem que de tão intrigante e apaixonante acabou por representar, sozinha, o título da obra, parece ser uma tarefa difícil, visto a ausência, primeiramente, de sua descrição física e, segundo, de sua voz na construção de si própria. Isto é o que declara Piva, quando explica essa insuficiência de características e relatos da personagem:



Figura 1

[...] de Manon, nós não sabemos, de fato, grande coisa. A personagem tem raramente a voz; ainda assim, esta é uma voz que lhe é concedida por des Grieux, o verdadeiro responsável pela narrativa, mais frequentemente em função das necessidades de sua própria narrativa e de sua vontade de justificar suas ações aos olhos do homem de qualidade, a quem seu relato, a princípio, se endereça. (Piva, 1994, p.330, tradução nossa)

Se observarmos a imagem da capa (Figura 1) proposta por Virginie Berthemet, perceberemos que há uma não-representação do aspecto visual de Manon, a qual encontra-se, como que, à parte de sua saia, de costas em um tom sombreado.

A capa segue, portanto, o exposto pela narrativa que não revela a forma física da personagem de forma objetiva em nenhum momento, tanto que não sabemos como seria Manon: se loira, morena, alta, baixa. Temos, apenas, representações mais subjetivas dadas por seu amante, as quais variam de “a própria expressão do amor”, “bela criatura”, “criatura charmosa” à “pérfida”, “cruel” e “infame Manon”.

Vê-se também que a ilustração resulta de um trabalho de colagem, que proporciona diferentes camadas de percepção visual. Ao perceber a saia da personagem feminina central, com atenção, pode-se notar a existência de um molde, que é o suporte, o contorno do vestido, ao qual se sobrepõem imagens digitais, que, em nossa análise, constituem unidades narrativas de sentido. Vistas de longe, essas imagens passam a se combinar, como em um trabalho de patchwork, de modo que parecem formar a estampa ao vestido.

Os elementos dispostos na saia: - as moedas, as cartas, dados de jogos de azar, as joias e demais pedras preciosas - relacionam-se a fatores geradores da diegese da obra, por isso, podem ser chamados de unidades de sentido, tanto da capa quanto da obra como um todo. O luxo, a ambição e a ostentação, assim representados, sugerem a vida inconstante, de desordem sempre à procura de riqueza que o casal assumirá na narrativa, que tem no dinheiro seu principal motivador, visto que este subsídio servirá, na trama, em diferentes momentos, tanto para aproximar quanto para separar o casal.

As cores fortes da colagem conferem-lhe um aspecto espetaculoso, que pode remeter ao universo de cores saturadas de Las Vegas, trazendo assim um elemento contemporâneo à leitura visual do romance.

É por este motivo que, segundo FOLLIOT (1988, p. 84), *Manon Lescaut* é uma obra de arte da modernidade, constituída de um caráter trágico, o qual reformula a tragédia em um novo gênero, cujo desencadeador de fatalidade, antes atribuído ao destino ou aos deuses na tragédia clássica, passa, agora, a ser uma “fatalidade econômica.”

Quando apresenta a Renoncour, o “homem de qualidade” que inclui em suas memórias o relato do jovem cavaleiro, os valores morais e a trajetória de vida sensata e regrada que tinha antes de conhecer Manon, Des Grieux atribui à personagem feminina a imagem de “causadora da devastação”, isto é, do mesmo modo que a capa sugere, a fonte de destruição e caos em sua vida.

Assim, os elementos geradores da narrativa: a riqueza, a ganância, o luxo e a exuberância, estão todos concentrados na saia de Manon. Esta vestimenta além de caracterizar o feminino, por excelência, revela a ação da personagem no romance, que é expressa no movimento do corpo feminino. Isto é, são ressaltadas as peripécias, motivadas pelos elementos supracitados.

Manon conduz sua saia, com a mão esquerda, executando um movimento de dança (vide Figura 1), brinca com a própria sorte e conduz, nessa dança, o seu amante. Assim como na narrativa, a capa de Virginie Berthemet traduz a onipotência feminina no desencadear dos acontecimentos, face à passividade do personagem masculino.

Contudo, percebemos que, à parte de sua saia colorida e fluida, aquilo que poderia representar o corpo da personagem mantém-se sombreado, o que remeteria à pouca participação de Manon na construção de si própria, sendo apresentada pelo olhar masculino de seu amante, não livre de suspeitas.

Pode-se observar também, nesta imagem, uma oposição primordial: o movimento do vestido *versus* a rigidez do tronco da figura feminina.

O corpo de Manon encontra-se como que petrificado, o que pode ser referência ao episódio bíblico de Sodoma e Gomorra, em que, por ordem de Deus, Ló e sua família deixaram a cidade sem olhar para trás, pois o local seria destruído. A esposa de Ló, então, desobedece às ordens divinas e, ao olhar para trás é petrificada como castigo.

Assim como a esposa de Ló, Manon simbolizaria o pecado, o que a colocaria na tradição ocidental de representação da mulher como fundadora do pecado original. Na linhagem de Pandora, Eva e a personagem bíblica feminina petrificada, ela representaria aquela que, ao não seguir as ordens divinas, persegue sua curiosidade e é, então, cruelmente castigada por tal desobediência.

Não se pretende dizer, aqui, que Manon seja levada pelo mesmo instinto de curiosidade que move as três personagens supracitadas. Manon é sim movida por seus desejos. Não é levada por eles inconscientemente o que pode ter ocasionado maior alvoroço quando na leitura da obra em sua época e até hoje é o fato de ela ter consciência daquilo que quer e assumir a busca por seus desejos.

Isso é visto em vários trechos da obra, por exemplo, quando na escrita da carta endereçada a Des Grieux, um dos únicos trechos em que se tem explícita a voz de Manon. Nesta carta, ela declara que não poderia viver com Des Grieux, sem que tivesse o mínimo do conforto ao qual se habituou e pede a ele que a deixe, sozinha, cuidar das finanças do casal. Diz ela, então:

[...] Acredita que se possa de fato ser afetuoso quando *falta o pão*? A fome causaria em mim um transtorno fatal, e qualquer dia eu daria o último suspiro, imaginando ser um *suspiro de amor*. Acredite que o adoro, mas deixe-me, por algum tempo, cuidar de *nossas finanças*. (Prévost, 1731, p.53, grifos nossos)

Há outros momentos em que a personagem feminina sugere, inclusive, uma contestação à imagem de objeto de desejo. No episódio em que a personagem recebe a visita de um príncipe italiano, temos uma Manon que mistura puerilidade,

sensualidade, astúcia e crueldade. Ela brinca com Des Grieux, como se fosse sua boneca e menospreza o príncipe que lhe havia feito propostas luxuosas em troca de seus “favores”. Manon segura Des Grieux por seus cabelos e o apresenta ao príncipe pouco atraente, exaltando a beleza de seu amante.

Este ato pode ser interpretado como contestador ao mostrar que a personagem quer se desfazer de sua imagem de objeto de desejo, invertendo o papel com Des Grieux, o qual ela expõe como alguém que lhe pertence, o qual ela domina, e ao qual estima por sua beleza.

Deste modo, vemos que, mesmo que a personagem tenha sido criada por um imaginário patriarcal, que a pinta como a fonte do mal e do desejo impuro que tudo destrói, seu comportamento expressa, muitas vezes, um tom de contestação e deboche dessa concepção.

Crê-se, assim, que o caráter de escândalo e imoralidade atribuído à obra extrapola a exposição de uma vida de deboche do casal, e se deve também à representação de uma mulher, não caracterizada apenas por uma curiosidade quase infantil, mas também pela autonomia na busca de seus desejos e sua satisfação.

Contudo, ela é submetida ainda ao crivo do olhar masculino: Manon não tem voz na narrativa, sua representação é imagem sem história, nem origem, dela nada se sabe, além da descrição que Des Grieux lhe atribui. O que se vê dessa mulher é a petrificação evocada por Viginie Bethemet, a prova do castigo de Deus, pelos pecados cometidos, que a conduz à morte no deserto, quando fora exilada na América rústica ao final da narrativa.

Vemos, enfim, na imagem da capa, a existência de duas “Manons”: a representante do espaço da Europa cosmopolita, expresso pela saia de luxo, em contraste com a figura pétreia do corpo da personagem, que representa, então, o espaço da penitência no deserto americano, em que vemos uma Manon despojada e sem brilho, sofrendo seu pior castigo ao se separar de sua saia, isto é, de seus desejos e ambições.

#### 4. CONCLUSÕES

O paratexto, longe de ser acessório, é um elemento de extrema importância na apreensão crítica e estética da obra literária. A capa do livro pode representar uma interessante “porta de leitura” ofertada pela obra para a “entrada” do leitor em sua interpretação. Isto é, à luz da estética da recepção, trata-se de um atributo peritextual que pode direcionar, orientar ou iluminar o leitor. As interpretações que possam vir a ser suscitadas, a partir da capa e da obra, aqui analisadas, estão longe de se esgotarem, o que afirma, portanto, o caráter de contínua produção e reatualização de sentido que exercem os diferentes fazeres artísticos, sejam eles literários ou não.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOLLIOT, François-René. « 'Manon Lescaut', Une Tragédie Bougeoise ». **Caligrama**, Belo Horizonte, p.75 – p.85, 1988.
- GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris, Éditions du Seuil, 1987.
- PIVA, Franco. « Une clé de lecture pour Manon Lescaut ». In: **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**, 1994, nº 46. p. 329 – p. 353.
- PRÉVOST, Antoine-François. **Manon Lescaut** (1731). São Paulo: Martin Claret, 2010.